
Placas (de Som) Tectônicas: Apropriações e Multiterritorialidade em Mídias Sonoras e suas relações com a Cidade¹

Antônio César da Silva²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O presente artigo antecipa as questões debatidas em projeto de pesquisa em andamento que reflete sobre as apropriações em mídias sonoras e suas relações com as experiências cotidianas urbanas. Aqui busca-se pensar que movimentos atravessam essas práticas apropriativas partindo de projetos como o “Percurso Instalativo Sonoro” em Fortaleza, CE e Uaná System, em Belém, PA. Utiliza-se aqui as ideias de apropriação (Thompson, 1995), Cidade (Martín-Barbero, 2004) e multiterritorialidade (Haesbaert, 2001) para debater, por exemplo, como essas práticas sonoras também podem sinalizar a reivindicação e retomada de espaços como a cidade.

Palavras-chave

Apropriações. Multiterritorialidade. Mídias Sonoras. Cidade

01. Introdução

Era outubro de 2015 quando o artista multimídia Eric Barbosa iniciou, na cidade de Fortaleza - Ceará, Brasil uma série denominada “Percurso Instalativo Sonoro: Sons, Paisagens, Derivas e Atemporalidades de Fortaleza”. O processo consistia em criações de relatos audiovisuais-sonoros que falavam sobre a capital cearense. Eric e um grupo de aproximadamente dezoito artistas entre músicos, compositores, artistas visuais, fotógrafos realizaram um processo de investigação no Foyer do Theatro José de Alencar, localizado no centro da cidade. Lá, durante cinco meses, o artista realizou uma imersão sonora-audiovisual no movimentado centro da capital e seu entorno. O espaço

¹ Trabalho apresentado no CP Comunicação, Música e entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, CE. E-mail: cedasilva.ufc@gmail.com

foi escolhido pela localização, em frente à Praça José de Alencar, local que se relaciona com ambulantes, transeuntes, comércio, pentecostais, moradores de ruas e as mais diversas manifestações presentes na experiência urbana. O percurso audiovisual-sonoro realizado captou imagens, sons, depoimentos do local e ao redor e entregou um projeto composto por cinco álbuns distribuídos entre compilações de performances sonoras e discos inéditos³, além de onze vídeos⁴ entre videoarte, videoperformance, vídeo-álbuns, curtas experimentais. Todo o material tendo Fortaleza e as questões de sua urbe como discussão central e com sons e imagens da cidade presentes nas faixas e vídeos produzidos.

Paralelo ao trabalho de Eric Barbosa; desde 2013 o duo formado pelo artista multimídia Luan Rodrigues e o DJ Waldo Squash passou a realizar o projeto denominado Uaná System⁵, criado em Belém, Pará, Brasil. A dupla mescla os sons, vídeos, referências oriundos da Amazônia com elementos tecnológicos e transformam em uma intervenção sonora/visual. O resultado é uma sonoridade marcada pelos ritmos tradicionais amazônicos como siriá, carimbó, cumbia e guitarrada fundida com as batidas da música eletrônica. As apresentações do Uaná System tornam-se espécies de performances de deslocamento onde questões como tempo, espaço, territorialidades são levantadas a partir das inúmeras possibilidades da produção musical.

Ambos os trabalhos citados não se comunicam diretamente, já que até o momento não houve participações diretas nos trabalhos um do outro, além disso, a série realizada por Eric Barbosa já foi encerrada (até aqui) e o trabalho do Uaná System segue em atividade. Ainda assim, os projetos apresentam semelhanças em diversos momentos: da captação das sonoridades, vídeos, paisagens sonoras; das novas possibilidades de escutas e de produção; e aqui, para o trabalho que é apresentado chama a atenção características que envolvem a “arte do fazer” (CERTEAU, 2008) dos realizadores, entre elas a apropriação, a forma como se relacionam com os espaços de

³ O material pode ser encontrado no endereço do projeto <https://suburbanaco.bandcamp.com/album/percurso-instalativo-sonoro-compila-o-i> e também no endereço do selo Suburbana Co <https://suburbanaco.bandcamp.com/music>

⁴ O material audiovisual produzido pode ser encontrado no canal no Youtube e Vimeo (plataformas de vídeos) do artista https://www.youtube.com/channel/UCYJhW_u5N4OKISikVCG40Og e <https://vimeo.com/165946501>

⁵ O trabalho da dupla pode ser encontrado no canal do duo na plataforma soundcloud <https://soundcloud.com/uanasystem>

onde são oriundos e suas referências de cidade; e a discussões que permeiam sobre como a música, sons e suas mídias desencadeiam movimentos de deslocamento e territorialidades. São nestes pontos que o projeto de pesquisa em andamento do pesquisador que aqui escreve e que se mostra inicialmente neste artigo se encaminha. A seguir, seguem articulações de ideias e temas que abordem um possível entrecruzamento das noções de apropriação e multiterritorialidade no fazer sonoridades tendo como referencial os lugares, as cidades de onde essas práticas partem.

02. Das apropriações

Na obra “Ideologia e Cultura Moderna” (1995: 409), Thompson defende que ao analisarmos meios de comunicação e seus usos é preciso estar atento a apropriação cotidiana dos produtos culturais. Por apropriação, o autor entende como tornar próprio o alheio, o estranho e defende que apropriar-se é um aspecto dos processos comunicacionais que contempla os contextos onde atores e grupos estão inseridos, os significados que concedem a essas mensagens e o quanto dessa produção simbólica estes atores assimilam em sua cotidianidade.

Para Thompson (1995: 403), o apropriar-se cotidianamente está diretamente ligado aos recursos que os meios técnicos de produção possuem e disponibilizam, às exigências técnicas para seus usos e decodificações e às competências necessárias para a leitura dessas produções. Compreender então as formas como esses produtos vem sendo empregados pelo coletivo, contribui na identificação de como os usuários vem se comportando diante desses meios, se com conformação ou resistência, suas habilidades e como eles estão reagindo a essas exigências. Movimento um pouco semelhante ao proposto por Martín-Bárbero (1997) em “Dos Meios às Mediações”, quando o autor indica que para compreendermos de forma mais esmiuçada as práticas apropriativas é preciso entender as instituições que mediam nossa relação com o mundo e assim, as divide em categorias como competência cultural, cotidianidade familiar e temporalidade social. É preciso ressaltar que os autores trabalharam suas pesquisas em contextos sociais particulares diferentes dos que estamos inseridos hoje e que questões como o

maior acesso às chamadas novas tecnologias ainda não tinham sido contempladas em seus trabalhos.

Portanto, os processos de apropriação que atravessamos hoje estão completamente imersos em uma outra lógica de socialidade onde nossas práticas, modos de pensar, atitudes, valores se desenvolvem juntamente com o crescimento das e acesso às novas tecnologias, com a vivência juntamente dessas técnicas, determinada por Lemos (2008: 89 e 90) como cibercultura, que é também entendida como resultado da apropriação da tecnologia pelo social. É nesse contexto da cultura como “um lugar de produção de conteúdo, de conexão livre entre pessoas e grupos, de reconfiguração da vida social, política e cultural” (Lemos e Lévy, 2010: 29), que a ideia de apropriação de algum modo se alarga e ganha ainda mais dimensões.

A apropriação tem sempre uma dimensão técnica (o treinamento técnico, a destreza na utilização do objeto) e uma outra simbólica (uma descarga subjetiva, o imaginário). A apropriação é, assim, ao mesmo tempo forma de utilização, aprendizagem e domínio técnico, mas também forma de desvio (deviance) em relação às instruções de uso, um espaço completado pelo usuário na lacuna não programada pelo produtor/inventor, ou mesmo pelas finalidades previstas inicialmente pelas instituições. (LEMOS, 2009, p. 49).

Assim, pensar o ato de se apropriar nos tempos de emissão, conexão e reconfiguração, os chamados princípios da cibercultura (Lemos, 2008), é igualmente refletir sobre as brechas, desvios, tramas operadas pelos usuários diante dos aparatos tecnológicos a disposição. Uma ideia próxima a de Certeau (2008) em suas “Artes de fazer” quando defende que mais urgente que entender como instituições e técnicas incidem com suas vigilâncias e domínios sobre os atores, é compreender como que uma sociedade inteira não se reduz a elas. Ou seja, quais práticas no dia-a-dia desses usuários que debatem sequestramente com a “disciplina”, mas não cedem a ela a não ser para modificá-la. (Certeau 2008: 41). Para Certeau (2008), essas ações se instalam como percursos diversos nos quais os atores peregrinam diariamente. Nessa jornada, eles se re-apropriam do espaço antes determinado pela produção dessas técnicas, espaço que passa agora a também ser preenchido por essas peregrinações. O “peregrinar”, esses

percursos, maneiras são também o ato de “conseguir” corromper o funcionamento das estruturas tecnocráticas, articulando suas táticas e práticas com os detalhes do cotidiano.

E é aqui que, enfim, entra a articulação da ideia de apropriação com esses espaços da cotidianidade. Há também um aspecto relacionado ao ato de apropriar-se que para este trabalho ganha um olhar mais atento: é quando Thompson (1995: 405) refere-se a apropriação como uma prática situada. De outra maneira, ela ocorre “em contextos sócio-históricos específicos, em determinados tempos e lugares, isoladamente ou em companhia de outros e, assim por diante.” Portanto, se articularmos as ideias de mediações propostas por Barbero (1997) e de apropriações cotidianas defendidas por Thompson (1995) podemos complementar que apropriação é igualmente uma prática imbricada do lugar da qual ela parte, e aqui entendemos esse lugar tanto como físico como simbólico, como veremos mais adiante, e que desses “lugares” alguns chamam atenção por suas características muito específicas como a cidade. Mas, uma cidade, que hoje é também uma urbe marcada pelas transformações tecnológicas e por toda a reconfiguração cultural (Lemos, 2008) que atravessamos. É dessa cidade que hoje presencia essas diversas apropriações tecnológicas que trataremos a seguir.

03. De que “ideia” de “cidades” estamos falando e o que é essa tal de “multiterritorialidade”

Martín-Barbero em seu “Ofício do Cartógrafo” (2004) defende que é na cidade que se encontra as mutações mais complexas e profundas, e são essas metamorfoses que nos dão a possibilidade de compreender as transformações que permeiam a sociedade e o homem. “A cidade já não é só um espaço ocupado ou construído, mas também um espaço comunicacional que conecta entre si seus diversos territórios e os conecta com o mundo”. (MARTIN-BÁRBERO, 2008: 293)

O autor (2008) dá uma atenção às cidades latino-americanas, denominadas por ele de incompletas, onde se acumulam os mais variados tempos da sensibilidade e dos contrastes. Onde seus habitantes atravessam processos de urbanização sob a ótica do paradigma do fluxo informacional a partir de três movimentos: o de desespacialização (a descorporização das cidades; lugares transformados em espaços de

consumo); o de descentramento (a perda de centros e lugares de encontros) e o de desurbanização (diminuição de espaços usados pelo cidadão), (Martín-Barbero, 2008: 284). Movimentos citados inclusive por autoras como Silveira e Borelli (2015) ao estudarem práticas musicais juvenis em cidades como São Paulo.

Aliado a esse processo de urbanização caracterizado por essas três percepções, o autor (2008) também sinaliza que há uma vivência de nossos atores através dos usos de tecnologias nas cidades latino-americanas marcada por uma dualidade. Para Martín-Barbero (2004), essas tecnologias introduzem na região uma contemporaneidade através do tempo de produção e de consumo desses aparatos: “pela primeira vez as máquinas não nos chegam de segunda mão. Porém essa contemporaneidade está ocultando a não-contemporaneidade entre tecnologias e usos, entre objetos e práticas” (Martín-Barbero, 2004, p. 179). Essa não-contemporaneidade seria também a do lugar a partir do qual esses produtos são lidos, consumidos; do espaço social, que com seus problemas, de urbanidade, crescimento, políticos e sociais, não consegue acompanhar a rápida produção e consumo dessas máquinas. Essa revolução tecnológica induz a uma trama comunicativa que introduz nesses contextos, nessa sociedade novas formas de se relacionar com os bens simbólicos, com o cultural e com a própria cidade. Isto nos faz questionar então que se as apropriações possuem dimensões técnicas e simbólicas e são imbricadas com os lugares de onde partem, essas singularidades das cidades latino-americanas estariam como parte das nossas práticas apropriativas? Se sim, nossas cidades seriam indicações de que nossas apropriações (tecnológicas) apresentam singularidades específicas, ou a mudança estrutural que ocorre, na verdade, em todas as cidades do mundo também podem nos fazer alargar a ideia de apropriação e compreendê-la em constante movimento? Um dos caminhos que percorremos para compreensão dessa ideia de apropriação em modificação a partir do seu imbricamento com os lugares e em especial, com as cidades, passa aqui pela as noções de território e reterritorialização presentes nas discussões sobre nossas dinâmicas nesses espaços marcados pelo uso de tecnologias.

O ciberespaço é desterritorializante como entende André Lemos (2006), mas o processo de desterritorialização vem seguido de novas reterritorializações e são implantados quando o espaço-tempo e o desencaixe percorrem por práticas de restrição. Território aqui surge com dois sentidos, material e simbólico. Sua origem é ligada a ideia de terra-torium (dominação jurídico/política da terra) quanto de térreo-territor, numa percepção mais ligada ao sentido de terror, principalmente pelos que ficam impossibilitados de acessar o território. Nessa abordagem, território se articula com a ideia de poder, tanto na ideia política de dominação, quanto simbólica, de apropriação, (Haesbaert, 2001).

Haesbaert (2001) entende que territórios são espaços utilizados para realizar funções e compor significador. Lemos (2006) entende que as revoluções sociais, a flexibilidade das fronteiras, e as mídias de massa produziram os eventos territorializantes da sociedade moderna que foram sendo elaborados ao lado de movimentos desterritorializantes. Um desses eventos, contemporâneos, é a cibercultura que para o autor, é a cultura da desterritorialização, pois vem atravessada de conflitos de fronteiras e novas marcas de desterritorializações. Cibercultura que igualmente possibilita movimentos como as reterritorializações. Assim, Haesbaert (2001) entende que discussões como a anulação ou desaparecimento de territórios precisam estar em segundo plano diante da reflexão sobre a complexidade dos processos de reterritorialização que hoje nos cerca. Segundo o autor, os indivíduos/atores estariam hoje elaborando uma arquitetura de territórios muito mais múltiplos, costurando o que ele defende por multiterritorialidade.

A multiterritorialidade seria a movimento de identificar/conhecer diversos territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, elaborar uma territorialização, de fato, múltipla. Para o autor, o processo de territorialização é disparado a partir do indivíduo ou do grupo e toda relação com outro resulta em uma interação territorial “um entrecruzamento de diferentes territorialidades” (Haesbaert, 2001).

Assim, se compreendemos que cada ator/produtor traz em si um movimento de multiterritorialidades e que este mesmo ator/produtor vem se articulando com outros

em suas “redes de antidisciplina”, essa experiência de compor territórios cada vez mais múltiplos torna-se mais extensa e podem ser “sentidas”/encontradas em diversas esferas e espaços de sua cotidianidade, como o da produção musical e de sonoridades, por exemplo. A apropriação dos produtos culturais tecnológicos que traz características dos seus lugares de imbricamento, como as cidades, proporciona o cruzamento de multiterritorialidades distantes e diversas e a atuação dessas multiterritorialidades em rede numa escala de amplitudes incompreensíveis; a vivência do cidadão na cidade e agora mediada por estas ferramentas e por essas apropriações também permite ainda mais a ampliação deste movimento e estas mesmas apropriações podem apontar para uma reivindicação dos espaços, das esferas, das multiterritorialidades .

04. Das apropriações em mídias sonoras e suas relações com a cidade

Clay Shirky (2012) em sua obra “Lá Vem Todo Mundo” ao debater sobre como o domínio de instituições do passado que eram vistas como insubstituíveis e que agora já presenciam a perda de suas hegemonias, cita um trabalho de George W.S. Trow, “Within The Context of no Context” de 1981 que estudava os efeitos da televisão e citava que vem acontecendo sobre a sociedade um “Deslocamento de Placas Tectônicas” (Trow apud Shirky, 2012). As instituições insistem em agir como antes, mas nós não somos mais os mesmos. É como a reconfiguração cultural citada por Lemos (2006); com as potências de emissão, conexão e reconfiguração, estamos cada vez mais críticos, nossas ações também são mais políticas. Não é diferente nos nossos modos de produção, o processo do fazer vem sendo afetado profundamente por essas questões acima citadas e assim também no fazer música. Na produção musical.

Herschman (2013) quando discute as relações entre música e espacialidades, explica que o debate sobre sonoridades ainda na década passada não tinha bem como foco principal essa articulação da ideia de música e territorialidades. O foco estava na compreensão da construção de caminhos alternativos frente ao cenário de crise pelo qual passava a indústria musical. O autor (2013) parte da ideia de cena, cunhada por Will Straw em 1991, para elaborar um percurso onde a noção de território passa a ganhar atenção na discussão.

O pesquisador (2013) detalha que o conceito de cena cunhado por Straw (1991) passou por uma redefinição em 2006 elaborada pelo próprio autor. Antes pensada como um contexto onde práticas musicais convivem, agora passa a ser entendida como espaço cultural, onde é preciso pensar também outros aspectos como o econômico, afetivo e geográfico. Herschman (2013) inclusive cita a análise realizada por Simone Pereira de Sá em seu trabalho “Will Straw: cenas musicais, sensibilidades, afetos e cidades” de 2011, onde a autora enfatiza como a ideia de lugar parece mesmo ter ganhado centralidade no conceito de cena, já que passa a ganhar mais proximidade com ideias de congregação e movimento de pessoas, de fenômeno geográfico, de rua. (Sá apud Herschman, 2013).

Por fim o autor (2013) afirma que recentemente vem sendo usada a ideia de “territorialidade sônico-musical” associada a outros conceitos e aspectos para compreender a dinâmica dos agrupamentos sociais em torno da música, por exemplo e como os produtores/atores sonoros constroem suas multiterritorialidades que de algum modo incidem no cotidiano das espacialidades da urbe.

Pereira e Borelli (2015) quando refletem sobre práticas musicais juvenis na cidade lembram que na urbe há sempre disputas de sonoridades, complexificadas por conflitos políticos, identitários e de legitimidade. Que o conceito de paisagem sonora pensado por Schafer em seu “Afinação do Mundo”, que diz respeito aos sons do ambiente e a forma como os atores com ele se relaciona (Schafer Apud Pereira e Borelli, 2015), se associa com as ideias de tempo e espaço, salientando “que as canções midiáticas incorporam em sua sonoridade sons da cidade, ruídos da Modernidade, constituindo escutas musicais e do mundo que se relacionam às culturas urbanas” (PEREIRA E BORELLI, 2015: 83). Isto é, essas práticas musicais que envolvem cidade, juventude e as mídias por ela utilizadas passa sim pela ideia de território, de fronteiras, de deslocamento, de movimento, de percurso configurando um espécie de “nomadismo simbólico” que se articula com esses aparatos midiáticos da experiência urbana e que se impõe o tempo todo nessa relação.

Se então a ideia de território está presente sim no debate que envolve as “apropriações musicais” e suas relações com a cidade, é preciso pensar que outros aspectos estão presentes nessas práticas apropriativas. Aqui, com os exemplos antes citados do Uana System e do “Percurso Instalativo Sonoro”, é possível pensar ideias como a do experimentalismo sonoro e da gambiarra (Obici, 2014). O autor (2014) defende que este último termo vem se tornando presente e controverso no campo da produção artística no Brasil. Que a gambiarra, no espaço do experimental, deixa de ser apenas uma ideia associada às soluções apressadas e se torna componente do fazer artístico, proposital ou não. Gambiarra é apontada por Obici (2014) como arranjo, reparo, adaptação. O autor (2014) utiliza as ideias de Rodrigo Boufler (2013) para afirmar que o conceito carrega consigo as dimensões de improviso, ajuste utilitário e subversão do design industrial. A primeira está ligada a forma não planejada de lidar com os materiais e suas finalidades; a segunda envolve a ideia de compensação entre os aparatos disponíveis e as demandas, e a terceira trata-se da modificação da intenção dos instrumentos, dos produtos (Boufler apud Obici, 2014). A gambiarra nos trabalhos aqui citados parte principalmente com uso das paisagens sonoras como parte dessas produções, porque mesmo intencional ela vem envolvida com as questões acima citadas.

Passa também por essas práticas a noção de “re-mixagem”, o “conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens, cut-up de informação a partir das tecnologias digitais”.(LEMOS, 2005). Lemos (2005) entende que após a crise da criação pós-moderna, as apropriações só são possíveis a partir da ideia de re-criação, não há mais como falar em autoria, mas em processos abertos, livres e coletivos, que a tecnologia reforça essas características nas artes e que na cibercultura novos critérios de criação emergem consolidando a cultura do remix.

Por remix compreendemos as possibilidades de apropriação, desvios e criação livre (que começam com a música, com os DJ's no hip hop e os Sound Systems) a partir de outros formatos, modalidades ou tecnologias, potencializados pelas características das ferramentas digitais e pela dinâmica da sociedade contemporânea. (LEMOS, 2005: 02).

Dinâmica essa marcada por uma radicalidade, um momento singular na história em termos de estrutura midiática e da forma como estamos operando estes instrumentos. O deslocamento das placas tectônicas onde a atenção está nos modos como recombinações, no alcance dessas recombinações e no impacto que essas práticas incidem nos lugares de onde partem.

Assim, aqui pensa-se que essas “apropriações musicais” que se relacionam com as experiências cotidianas urbanas e tem as territorialidades como aspecto também são resultado de uma combinação que passa pelos processos urbanizatórios que fomos submetidos nas cidades latino-americanas ligados a reconfiguração cultural única proporcionada pela tecnologia que permite a urgência de práticas e sonoridades que podem apresentar o experimentalismo, a gambiarra, a colagem, remixagem e outros como características.

05. Das considerações “iniciais”?

O trabalho apresentado antecipa questões relacionadas ao projeto de pesquisa em andamento que busca compreender melhor os aspectos presentes nas apropriações em mídias sonoras que possuem e apresentam a territorialidade como características. Aqui pensa-se que o tornar próprio, que envolve dimensões técnicas e simbólicas e é marcado por brechas e desvios, imbrica-se com o lugar do qual parte e que a cidade, seus conflitos (políticos, identitários) e processos de urbanização são pontos importantes para compreender os traços que permeiam essas apropriações, com ênfase aqui ao movimento da multiterritorialidade (Haesbaert, 2001). Questões a partir das experiências, combinações de projetos como o Uaná System em Belém, PA e Percursos Instalativos Sonoros, Fortaleza, Ce levantam perguntas que aqui se questiona se podem ser lidas como parte integrante das “práticas apropriativas em sonoridades” do nosso tempo. Seriam essas produções marcas da não conformação diante desses processos de descentramento, desespacialização e desurbanização no qual fomos submetidos? Estaríamos através dessas produções reivindicando a retomada desses territórios, desses espaços, da cidade quando a deixamos claramente presentes nos produtos finais através das combinações, *remixes* e usos de paisagens sonoras? Estariam esses processos de

apropriações diretamente articulados com a ideia de multiterritorialidade, isto é, ao “fazer”/“realizar” também o ator/produzidor desenvolve-se em si a chamada territorialidade múltipla que contribui também no surgimento dessas reivindicações presentes em suas produções? São perguntas que o trabalho suscita e que pretendem ser melhor elucidadas não apenas através dos autores aqui citados e outros que serão ainda articulados como com mais casos que vem sendo elaborados e realizados nas regiões Norte e Nordeste do país.

06. Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro. *In: Anais do V Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR*, v. 3, 2001.

HERSCHMANN, Micael. “Cenas, circuitos e territorialidades sônico-musicais”. *In: J. Janotti Jr e S.P. Sá. (orgs.). Cenas musicais*. Guararema/SP: Ed. Anadarco, p.41- 56, 2013.

LEMOS, André. Ciberultura Remix. **Seminário** “Sentidos e Processos: redes: criação e reconfiguração”, São Paulo, Itaú Cultural, 2005.

LEMOS, André. **Ciberultura**. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **Apropriação, desvio e despesa na cibercultura**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Brasil, v. 1, n. 15, 2006. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/282/214>>. Acessado em 20 jun. 2009.

_____. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis: Processos de Territorialização e Desterritorialização na Ciberultura**. COMPÓS, 2006b. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>>. Acessado em 20 jun 2009a

LEMOS, André e LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. **Ofício do Cartógrafo.** São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

OBICI, Giuliano Lamberti. **Gambiarra e Experimentalismo Sonoro.** Sao Paulo: G. L. Obici, 2014.

PEREIRA, Simone Luci; BORELLI, Silvia. **Música “alternativa” na Vila Madalena: práticas musicais juvenis na cidade.** Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos (UNISINOS), v. 17, n. 3, 2015.

Shirky, C. **Lá vem todo mundo.** O poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2012.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna.** Petrópolis: Vozes, 1995.